

Juiz decreta seqüestro dos bens do PCBR

O juiz Jacob Goldemberg, da Primeira Auditoria da Marinha, determinou o seqüestro dos bens imóveis adquiridos pelo Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, com a utilização de dinheiro roubado do Banco do Brasil, agência Leblon, pelo ex-bancário Jorge Medeiros do Vale, o "Bom Burguês", que, como subgerente daquela agência, deu um desfalque de Cr\$ 8 milhões.

Foi nomeado depositário dos bens seqüestrados o Banco do Brasil, que será notificado esta semana. O juiz Jacob Goldemberg determinou, mais, que fosse oficiado ao coronel Gustavo Adolpho Tussessen, encarregado do Inquérito Policial Militar, o que solicitou a medida. HISTÓRICO

O pedido de seqüestro dos bens imóveis fôra encaminhado, inicialmente, à Segunda Auditoria do Exército, pelo encarregado do IPM, tendo sido ratificado pelo promotor Eudó Guedes Pereira. O juiz-auditor substituto, então em exercício, indeferiu a medida por entender que "o Código de Processo Penal Militar só admite o seqüestro de bens em se tratando de-

queles adquiridos com a lesão do patrimônio, sob a administração militar".

O promotor Osiris Josephson, daquela Auditoria do Exército, recorreu do despacho do juiz ao Superior Tribunal Militar, o qual, por maioria de votos, o proveu para o juízo da Primeira Auditoria da Marinha, por considerá-lo competente para apreciar a matéria. em face de ali estar em curso o processo do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário.

O juiz Jacob Goldemberg, ao apreciar a matéria, decidiu acatar a solicitação do seqüestro dos bens de Jorge Medeiros do Vale, por entender que "não só o antigo Código de Processo Penal Militar, combinado com o subsídio fornecido pelo artigo 125, do Código de Processo Penal Comum, o autoriza, como porque e impossível ficar de braços cruzados, vendo impassível que dinheiro vindo escandalosamente por meio de crime, de estabelecimento oficial do País (Banco do Brasil), do qual o governo é o maior acionista, fique impunemente nas mãos de inimigos da democracia, para atentar contra ela".

Chefe terrorista enfrenta Polícia e morre no choque

Joaquim Câmara Ferreira, o "Velho" ou "Toledo", sucessor de Carlos Marighela, no comando da Aliança Libertadora Nacional, morreu sábado, à noite, durante luta desesperada para livrar-se do cerco policial na esquina da Avenida Lavandisca com a Alameda Javaperis, em São Paulo.

O terrorista morto era ex-dirigente nacional do extinto Partido Comunista Brasileiro, participou de vários assaltos a bancos, carros pagadores, casas de armas, seqüestro do cônsul japonês e do embaixador alemão, além de vários outros atos subversivos. Era um dos mais destacados elementos de Marighela e um dos poucos a manter ligações com a Vanguarda Popular Revolucionária e a Aliança Libertadora Nacional.

DESESPERO

Joaquim Câmara Ferreira, de acordo com a nota oficial

distribuída pelo Departamento de Ordem Política e Social paulista, ao ver-se cercado pelos policiais, comandados pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, tentou escapar e, depois de desarmado, empenhou-se em desesperada luta corporal, ferindo a dentadas e pontapés vários investigadores. Seu coração não resistiu, e morreu minutos depois. O terrorista será sepultado hoje, pela manhã, na capital de São Paulo.

No momento do cerco, Joaquim Câmara Ferreira estava em companhia de mais quatro subversivos, sendo que dois conseguiram fugir, tomando rumo ignorado e os outros dois foram presos, estando recolhidos nos xadrezes do DOPS. Incomunicáveis. A Polícia não forneceu os nomes deles, para não prejudicar as investigações que prosseguirão hoje. Com a morte de Ferreira, apenas um dos chamados "líderes" encontra-se foragido: o ex-capitão

do Exército Carlos Lamarca, que dirige a Vanguarda Popular Revolucionária.

FUGA

Deve-se ressaltar que um outro terrorista, Eduardo Leite, vulgo "Bacuri", cuja prisão vinha sendo mantida em sigilo pelas autoridades policiais paulistas, havia sido levado ao local do cerco para identificar Ferreira, visto que se sabia que este utilizava de tintura de cabelo, lentes de contato e outros artifices como disfarce. Aproveitando-se da confusão, "Bacuri", implicado no seqüestro do cônsul japonês e do embaixador alemão, fugiu, auxiliado por dois dos companheiros de Joaquim Câmara Ferreira, que também conseguiram escapar.

Joaquim Câmara Ferreira era natural de São Paulo, capital, onde nasceu aos 5 de setembro de 1913, filho de Joaquim Batista Ferreira e Cleonice Câmara Ferreira.